

A LEPRA (HANSENÍASE) NA LITERATURA DE FICÇÃO

Jackeline Santos Carneiro 1

Roseli Martins Tristão Maciel 2

1. Graduanda do curso de História do Campus Anápolis de CSEH/UEG.
2. Doutora em: Ciências em Políticas Públicas, Estratégias e Desenvolvimento e Docente da Universidade Estadual de Goiás.

Introdução

Este trabalho é resultado do projeto de pesquisa de iniciação científica do PIBIC/ UEG com o título: A lepra (hanseníase) na literatura de ficção no século XX. A lepra é uma doença milenar e sempre foi vista com um olhar preconceituoso. Por causa da discriminação, da segregação e do sofrimento, e por ser uma doença que marca toda uma vida buscou-se através da literatura analisar como era retratada a vida do doente.

Para entender de que modo a doença era retratada nas obras, examinou-se como o contexto social da época e a religião influenciaram na construção do hanseniano na narrativa da literatura. Desde o seu surgimento a doença foi relacionada com o pecado sexual, porque se trata de doença infecciosa, que provoca graves lesões, também por ser contagiosa acreditava que sua transmissão acontecia entre corpos e que poderia ser de natureza sexual.

A lepra ou hanseníase é uma doença marcada por vários sofrimentos, e aspectos negativos que afetam as pessoas por ela contaminadas. Isso acabou gerando um padrão negativo para as pessoas portadoras da doença. Para Goffman (1988), essa marca é denominada de estigma, a pessoa passa a ser percebida pelo que ela é ou pelo seu nome, mas pela doença ou defeito físico que carrega consigo.

Tanto a doença como o próprio paciente sofre com o preconceito. Assim, usamos a literatura para evidenciar quais terminologias os autores e escritores dessa época utilizavam para narrar a lepra ou hanseníase e se em suas obras aparecem noções de preconceito e estigma em relação a esta doença.

Referencial Teórico

Mesmo com os estudos da lepra no Brasil, a doença é vista de forma preconceituosa e seus portadores carregam grande consequência. Por causa do grande número de doentes no país

surgiu em 1904 à reforma sanitária no qual foi efetuado pelo cientista Oswaldo Cruz, onde a doença passou a ter notificação compulsória. Nesse mesmo período, conceitos como o de micro organismo e de contágio passaram a vigorar no pensamento médico brasileiro. Os hospitais não já eram locais apropriados para os leprosos, e surge então a ideia de construir um lugar fechado para os doentes chamados de leprosos, no qual os pacientes ficavam isolados do mundo e viviam nas colônias. Tendo o leprosário o governo criou o Serviço Nacional da Lepra, em que o hospital abrigava o doente com o diagnóstico da lepra. Dentro do leprosário, tinha um espaço chamado de preventório que era um local destino para os filhos dos leprosos, que não podiam ter nenhum contato com os seus filhos. Essas situações é apenas algumas das quais os leprosos enfrentavam.

Permanece uma lacuna nos estudos sobre a hanseníase que deve ser realizado procurando evidenciar os aspectos subjetivos da doença, isto é, as questões de preconceito e estigma que afetam os portadores.

Para tanto recorreremos a, Goffman (1988), que considera o estigma algo que muda a identidade da pessoa e afeta toda sua vida física e emocional; a S. Sontag (2002), que considera os aspectos subjetivos das doenças a partir das metáforas que são construídas para elas; a R. Willians e seus estudos sobre a literatura no contexto histórico em que ela é desenvolvida.

Material e método:

A pesquisa foi realizada por meio de portais literários via internet, utilizando as palavras lepra e hanseníase como ferramentas principais para a busca. Foi uma pesquisa de caráter qualitativa (FLICK, 2010), ou seja, foram realizadas as leituras e fichamentos nos seguintes livros: Um caso liquidado – Graham Greene; O Médico dos leprosos – René Charvin; A Alma do Lázaro – Jose de Alencar; O Santo Sepulcro – Zofia Kossac; Nós, os leprosos - Steven Debroey; Koolau, o leproso – Jack London; De Moto pela América do Sul (Diário de Viagem) – Ernesto Che Guevara, em seguida realizou-se uma análise crítica dos termos que a lepra recebia e como o contexto social influenciou na terminologia da doença.

Resultados e Discussões:

O objetivo da nossa pesquisa foi analisar como a lepra (hanseníase) era retratada na obra de ficção literária. Como resultado, percebemos que o doente não sofria apenas com o preconceito, mas com o isolamento que a doença proporcionava. Nas obras analisadas, percebeu-se que a lepra é tratada não apenas uma doença que afeta o estado físico, mas o emocional, o psicológico do doente. Com os fenômenos emocionais abalados e com o isolamento, gerou várias consequências que ainda é presente na vida dos portadores de hanseníase e uma delas é o estigma. Segundo Goffman (1988) considera o estigma algo que muda a identidade da pessoa e afeta toda sua vida física e emocional. Nas obras analisadas percebeu-se que antes do diagnóstico o paciente tem um olhar diferente do mundo, ele não enfrenta preconceito, seus amigos e familiares o amam, mas quando descobre que está leproso, o seu mundo fica diferente, as pessoas que estão ao seu redor se afastam, a sua identidade, ou seja, aquilo que ele era antes da doença não é mais. Ele se torna diferente até para ele próprio. Na Antiguidade a doença é vista pela Igreja Católica com grande discriminação, mas com o passar do tempo foi religião que contribuiu na vida dos doentes. Por meio da Igreja surgiram diferentes termos para o doente como, por exemplo, mal de lazaro que se refere a um amigo de Jesus que tinha lepra e foi curado. Nos livros analisados tiveram-se os seguintes termos: Um caso liquidado – Graham Greene temos os seguintes conceitos: lepra, leprófilo, leprosário, leprólogo; O Médico dos leproso – René Charvin: lepra, leproso, bacilo de Hansen, chaga, leproma, lepra tuberculose, úlcera; A Alma do Lázaro – Jose de Alencar: moléstia, leproso, úlcera, lázaro, coléra, peste, lepra; O Santo Sepulcro – Zofia Kossac: leproso, lepra; Nós, os leproso – Steven Debroey: leproso, leprosário, moléstia, chaga; Koolau, o leproso – Jack London: leproso, moléstia, lepra; De Moto pela América do Sul (Diário de Viagem) – Ernesto Che Guevara: leproso, leprologia, leprólogos, leprologista, lepra.

Conclusão:

Através da pesquisa notamos como a doença é retratada na literatura, que é vista não apenas no âmbito da medicina, mas também no olhar histórico. Além disso, demonstra como era o sofrimento do leproso, evidenciando o olhar preconceituoso da sociedade perante o doente. Nas obras analisadas percebeu-se que a religião influenciou diretamente na disseminação do preconceito referente à doença, e um dos principais motivos é por se tratar de uma doença muito antiga e não tinha conhecimentos científicos, o que gerou metáforas populares. Estas

nos permite entender o porquê da lepra ser considerada como a doença do medo, os seus sintomas davam nojos e repúdios, essas reações fez com que o doente ficasse isolado da sociedade. A exclusão do doente perante a sociedade contribuiu para o aumento do preconceito a doença. Estando o paciente isolado como consequência é discriminado, e isso afeta diretamente o estado psicológico.

A lepra surgiu no Oriente e foi se espalhando pelo mundo por meio das tribos nômades ou navegadores fenícios que levaram a doença pelo mundo. Através desse meio da expansão da doença, notamos como as guerras, as batalhas influenciaram no aumento da doença, já que os portadores da doença onde passavam deixavam a lepra.

Agradecimentos

À Coordenação do Projeto de Pesquisa – da Universidade Estadual de Goiás na modalidade PIBIC/ UEG pelo apoio financeiro do projeto e a orientadora professora Doutora Roseli Martins Tristão Maciel pela orientação e apoio realizado durante os dozes meses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALENCAR, Jose de. **A Alma do Lázaró**. Rio de Janeiro: Editôra Letras e Artes, 1964.

CHARVIN, René. **O médico dos leprosos**. Tradução: D. Rodrigues. São Paulo: Noblet Editora.

DEBROEY, Steven. **Nós, os leprosos**. Tradução: Pe. Francisco Van de Watrer, MSC. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigmas-Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GRENE, Graham. **Um caso liquidado**. Tradução: Brenno Silveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

GUERVARA, Ernesto Che. **De moto pela América do Sul – Diário de Viagem**. Tradução: Diego Ambrosini. São Paulo: Sá Editora, 2001.

KOSSAK, Zofia. **O Santo Sepulcro**. Tradução: Isa Silveira Leal e Miroel da Silveira. São Paulo: Saraiva, 1950.

LONDON, Jack. **Koolau, o leproso**. Tradução: Pádua Fernandes. São Paulo: Edições SM, 2013.

SONTAG, Susan. **A Doença como Metáfora**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.